

José Valdemar de Oliveira

O SEXO  
DE JUDAS

Editora Penalux,  
Guaratinguetá, 2018



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 - Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Caroline Eulália

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

V144S VALDEMAR, José. -  
O SEXO DE JUDAS / JOSÉ VALDEMAR DE OLIVEIRA. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2018.  
  
192 P.: 21 CM.  
  
ISBN 978-85-5833-395-5  
  
1. ROMANCE I. TÍTULO

CDD.: B869.93

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## A noite e seus presságios

O negrume da noite hospeda luxúria.

Esconde coisas, pessoas. Esconde pessoas nas coisas, coisas das pessoas.

Momentos abstratos entre os seres e seus sentimentos, que afloram e se cristalizam.

Daí são intimamente perpetuados. Mas, se a luz da manhã não alcança, é como se não tivessem existido.

Há o risco pelo prazer, na busca arrebatada pela felicidade. Por vezes, a todo custo. Porém, não é raro esbarrar-se na maldição.

Existem situações, contudo, que deixam marcas, caminhos. E por isso às vezes torna-se fácil se chegar às pessoas. Aos fatos das pessoas. Que são perfeitamente disfarçáveis quando não há indícios na manhã seguinte. Se ninguém viu, ninguém falou, outras noites virão.

Na escuridão vislumbram-se sombras perdidas, imagens incolores tenebrosas.

Mas há quem enxergue e decifre o contido nas suas entranhas. Quem? Que espécie de olhos guarda as noites, as madrugadas? Há seres fantásticos flutuando, contemplando, denotando o que se tenta sacrificadamente não mostrar à claridade?

Chega a luz, apresenta um novo dia. E o segredo pode ser denunciado. Ou não.

Se as coisas permanecem nos devidos lugares; se há uniformidade nos passos; se a fala é repetitiva — nada aconteceu, afinal.

Os atos libidinosos a noite se encarregou sozinha de fazer e desfazer, tão gentil que é. Nenhum mistério abaixo do Sol, que entrecorta o dia e dispersa os fatos.

Sua luz tem a mesma crueldade dos seres mais belos.

É sob seu domínio que as ocorrências se tornam visíveis, demasiadamente perigosas.

As pessoas são limpas na aparência, corretas nos modos, e, principalmente, cuidadosas nos olhares.

A luz varre diariamente, a cada alvorecer, todos os espaços, até os mais secretos, penetra-os, procurando uma prova substancial das coisas das pessoas, para jogar tais coisas contra as pessoas.

Numa noite morna de outono, o galo canta fora de hora, o cachorro solitário late madrugada adentro, gatas de repente entram no cio, arrastam gatos por sobre os telhados, arranham, perturbam o sono dos míseros (sobre)viventes daquela pequena cidade, que presente e anuncia o ato pecaminoso.

Ah, o sino da igreja não tocou às seis horas — nem houve missa.

A cidade silencia seu lado cristão para punir antecipadamente os transgressores.

## A noite e seus vestígios

Bom dia! No ar, pela sua Rádio Mar Azul FM, o programa Primeiras Notícias.

(vinheta)

E começamos o programa de hoje noticiando o misterioso crime ocorrido durante a madrugada. Dois jovens de nossa comunidade, um deles filho do ex-prefeito Tomaz Vanderlei, foram cruelmente assassinados com tiros de revólver. Os cadáveres foram encontrados esta manhã, na Gruta do Fantasma, por volta das cinco horas.

Assim que o dia amanheceu e delatou o episódio, uma multidão chocada logo cercou os corpos, achados um sobre o outro, abraçados, como se estivessem se beijando no exato momento em que a morte chegou. A arma estava na mão de um deles.

A imagem intrigante encheu os olhos endiabrados de nossos conterrâneos, desviados de sua rotina tediosa, vazia e, por que não dizer?, medíocre. As inquietas almas logo se manifestaram.

Alguns supunham que o De Cima matou o De Baixo e depois se matou. Que só podia ter sido isso. Outros questionaram o porquê, se os rapazes não eram amigos nem inimigos, só conhecidos, mal se cumprimentavam. Nunca se soube sequer de uma discussão entre os dois. Mas este locutor, que esteve no local, levanta outra suspeita: não terá sido duplo assassinato, e o

assassino colocou o revólver na mão de um dos caras pra fazer verídica a hipótese de assassinato seguido de suicídio e encerrar o caso por aí, não ser investigado e consequentemente descoberto pela polícia?

Bem, prezados ouvintes, até agora ninguém apresentou uma resposta convincente, definitiva. Só hipóteses.

Mas quem sabe não é ali que se acha a elucidação ou, pelo menos, alguma pista dos crimes.

Dizem que existe um caderno, queridos ouvintes. Um dos rapazes deixou um caderno com anotações biográficas. Esse diário, ou algo semelhante, desapareceu do seu quarto esta noite, na noite do crime, como se tudo tivesse sido premeditado. Quem tomou posse de tal relato pode esclarecer tudo. Mas, e se quem se apropriou dele foi o próprio assassino, quem irá desvendar os crimes?

## Testemunha ocular

Vou contar tudo como se passou exatamente, Sr. Ente Oculto. Preste bem atenção.

Primeiro chegou O De Camisa Verde. Parou, olhou ao redor, levantou a camisa até acima da cintura e puxou um pequeno embrulho de dentro das calças. Depois procurou uma moita de mato, escondeu o pacote e ficou perto, escorado num coqueiro.

Logo notei que tinha marcado um encontro com alguém, pois não cansava de espiar na direção em que havia surgido. Parecia muito impaciente, muito tenso, nervoso. Por sua expressão vazava uma profunda angústia. E seu olhar era medroso e ao mesmo tempo cheio de fúria.

A noite estava uma negridão só, sem lua e raras estrelas. Ali, então, no meio daquele denso matagal, sem nenhuma luz por perto, a situação era ainda mais grave. Mas eu possuo olhos poderosos, privilegiados. Não é à toa que o Senhor dos Anjos Profanos me encarregou de ser o guardião dos pecadores.

O outro rapaz, O De Camisa Branca, apareceu uns dez minutos depois. O que recebeu três tiros, que morreu antes. Tá entendendo? Chegou fumando descontraidamente. Tinha na fisionomia uma inocência que tentava negar através de um sorriso cínico teatral que carregava nos lábios, um olhar malicioso de garanhão de quinta, em suma, uma tremenda expressão cênica de cafajeste. (A maldição secreta, Sr. Ente Oculto?)

O De Verde então respirou fundo. E pela oitava vez, eu contei, dirigiu a vista pra onde havia guardado o tal embrulho. Exceto a esse movimento de cabeça, não usou de mais nenhum gesto. De braços cruzados, mexeu a boca, mordeu o lábio inferior e engoliu saliva. Em seguida ergueu a cabeça e pregou o olhar no infinito.

O De Branco aproximava-se de lado, fixo no rosto do outro, querendo talvez desvendar à longa distância algum mistério naquele semblante, naquele olhar. Baixou a cabeça e o olhar quando chegava mais perto e percebeu que cada passo seu estava sendo focalizado pelo canto dos olhos do De Verde. Mas, ao passar por bem perto d'O De Verde, à sua frente, quase se roçando, manteve a cabeça reta. Pôs-se do outro lado sem o cumprimentar, sem o olhar.

Tudo muito estranho, Sr. Ente Oculto. Muito estranho. Se curiosidade matasse... Também é pecado? Deve ser. Para os de cabeça suja, tudo é pecado. Mas o Sr. há de convir que a cena era no mínimo inusitada. Veja bem se não tô certo: uma pessoa espera por outra, a outra chega, e não se dizem nada, nadinha. Eram de alguma facção criminosa? de alguma polícia secreta? de algum serviço de informação governamental? Silêncio absoluto. E pra agravar esse clima ainda tinha aquela coisa escondida, aquela raiva toda estampada na cara d'O De Verde.

Aí O De Branco deu uma última tragada, jogou fora o cigarro pela metade, expirou a fumaça pro alto, se deliciando, e o outro na mesma posição, pe-tri-fi-ca-do!

Assim passaram-se mais alguns segundos. Densos segundos, vale salientar.



Das duas, uma: ou um aguardava que o outro falasse primeiro ou não sabiam como iniciar a conversa. Talvez fosse essa conversa séria demais, dolorosa demais, sei lá. O De Branco fitava O De Verde, fitava, fitava, disfarçadamente, já que até aquele momento não tinham se encarado, e ele lá, bastante quietinho. Perigosamente quietinho, eu acrescento.

Mas, de repente, som! Palavras no ar. Tudo começando bruscamente a viver. (A vida buscando a morte?)

Foi O De Branco que começou perguntando:

— O que você quer? — O tom da voz era arrogante, mas não soou assim tão segura não. Como se quem já soubesse o que o outro queria e se envergonhasse disso. Pra quem havia chegado tão confiante...

Sabe, Sr. Ente Oculto: o silêncio é uma arapuca de destruição pros que vivem no barulho. Há cabeças que não sobrevivem sem eco. O silêncio o apertava por dentro, sufocava-o. Era, portanto, necessário falar. Ele também era fraco. Os dois eram mentalmente frágeis.

O De Branco agora observava o outro de cabeça baixa. O pudor, Sr. Ente Oculto. A vergonha. A prole deficiente de uma imagem virtuosa atormentado pelo seu ato de transgressão. E já se sentindo expulso do Paraíso prometido. E os deuses, os sacerdotes, os juízes lá fora, ainda condenando.

Não obteve resposta imediata, O De Branco. O De Verde permanecia duro, propositalmente ignorando, mesmo que por um instante, a pergunta que lhe tinha sido feita. Parecia saborear aquele clima tenso, com qualquer coisa de mágico.



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)



[zevaldemar@outlook.com](mailto:zevaldemar@outlook.com)



[/jose.v.deoliveira](https://www.facebook.com/jose.v.deoliveira)